

DINÂMICAS POLÍTICO-ACADÊMICAS E REPRESENTAÇÃO

Guilherme Simões Gomes Júnior
Departamento de Antropologia
Chefe de Gabinete da Reitoria

Os dois textos aqui apresentados são contribuições ao debate sobre o redesenho institucional na PUC-SP. O primeiro tem por base a exposição que realizei no terceiro debate organizado pela CORI, em que partilhei uma mesa com os professores Aldo Vannuchi e Luiz Eduardo Wanderley. O segundo é um documento de caráter mais descritivo sobre as bases da representação atual nos conselhos superiores da PUC-SP.

DINÂMICAS POLÍTICAS E ACADÊMICAS NA PUC-SP

“O poder é uma casca oca e o que conta na universidade é a autoridade acadêmica, fundada em produção científica reconhecida”. Essa proposição – proferida por Renato Janine no primeiro debate organizado pela CORI - é irrecusável. No entanto, não podemos abdicar de falar do poder da universidade no mundo contemporâneo, nem deixar de refletir sobre as forças acadêmicas e políticas que fazem a vida desse tipo de instituição dando a ela seus direcionamentos.

Um dos elementos que caracteriza a universidade é seu poder de cancelar, por meio de sua autoridade, o exercício legítimo de um saber adquirido, que tem como documento fundamental o diploma.

Das corporações medievais a universidade foi a mais bem sucedida na longa duração, e a que mais alargou o âmbito de sua atuação. Hoje, enquanto se torna generalizada a ideologia da “sociedade do conhecimento”, que se baseia na idéia de educação continuada, a universidade se expandiu para todo o mundo e organizou-se em redes transnacionais que determinam e confirmam seu monopólio de cancelar os mais variados saberes e práticas. A universidade é uma instituição das mais requisitadas do mundo.

Até meados do século XIX seu poder era mais restrito. Um exemplo notável é o fato de as duas mais importantes universidades inglesas, Oxford e Cambridge terem simplesmente virado suas costas para a Revolução Industrial, que em quase nada dependeu do que acontecia dentro dos muros dessas instituições. Hoje é impensável a idéia de uma sociedade, moderna ou pós-moderna, capitalista ou socialista, que não demande a existência de um sistema universitário altamente interativo, que funcione como o topo de um sistema educativo que, ao menos na base, tenha a ambição de incluir toda a população.

Isso significa um poder social de grande monta e de grande alcance, que a universidade possui no mundo contemporâneo. Poder que, no entanto, não é centralizado, pois se trata de uma constelação de corpos em permanente competição tanto do ponto de vista externo como interno. Competição por estudantes, por talentos, por recursos públicos ou privados, por excelência em pesquisa e capacidade de inovação, por domínio das tradições das humanidades e das artes, por capacidade de interagir de forma criativa com as transformações culturais e tecnológicas das sociedades.

A PUC-SP: fases e idades

As universidades católicas no Brasil surgem no pós-guerra como uma resposta da inteligência católica ao sistema universitário público, que deu seus primeiros passos na década de 1930.

A PUC-SP tem seis décadas e abriga em seus quadros professores de três gerações. Do ponto de vista da história da instituição podemos identificar três fases:

- a) implantação da educação católica superior na forma de Universidade, com predomínio das humanidades e com finalidade principal de ensino (1946-1969);

- b) adesão ao modelo de Universidade de pesquisa que resgata a tradição humanista e coloca a investigação científica como centro da vida acadêmica e base das rotinas de ensino (1969-1990);
marco: fundação da Pós-Graduação
- c) consolidação do modelo anterior e exploração de novas tendências em diálogo com as transformações culturais e tecnológicas da sociedade e com a mundialização.

A essas três fases correspondem círculos e níveis de influência da universidade sobre seu entorno que lhe agrega prestígio:

- a) influência e prestígio local;
- b) influência e prestígio nacional;
- c) busca de influência e prestígio internacional.

A essas três fases correspondem também fixações identitárias que são o resultado da ação da universidade como corpo político em relacionamento com a cidade e o entorno mais amplo:

- a) a PUC-SP como núcleo formador de quadros superiores (profissionais liberais, educadores, professores); como formadora de moças das elites e das classes médias, berço da inteligência católica liberal que se concretizou na Ação Católica e na JUC;
- b) a PUC-SP da resistência à ditadura militar, baluarte da Teologia da Libertação; das experiências do Ciclo Básico e da Pós Graduação;
- c) a PUC-SP da fragmentação e do conflito (todas as cores, atitudes, credos e tendências políticas), da experimentação científica e cultural, dos modismos, da festa, da crise e da interrogação sobre si mesma.

É importante ter em conta que essas fases não se suprimem enquanto se sucedem. Fixam-se como estratos geológicos nas próprias estruturas acadêmicas e permanecem como atitude incorporada (*habitus*) na própria vida das pessoas que formam a comunidade. Os representantes da primeira fase não são muitos, mas ainda exercem influência na vida da Universidade, e os da segunda fase são camada dominante.

Temos cerca de 15% de professores que, pela faixa de idade, puderam conhecer ou participaram da vida da PUC-SP na sua primeira fase; e pouco mais de 80% que puderam conhecer ou participaram da segunda fase.

A segunda fase propiciou um ganho em qualidade acadêmica. A criação da pós-graduação implicou em mudança da atitude geral da Universidade. Rotinizou-se a idéia de que não bastava bem ensinar, que a pesquisa e a formação continuada eram centrais na vida acadêmica e que o mérito nesses âmbitos deveria ser recompensado.

Qualitativamente a PUC-SP preparou-se para competir com as Universidades estatais que, até então detinham o monopólio da formação em nível de pós-graduação e da pesquisa. Em poucos anos a PUC-SP, apoiada por agências federais de fomento, começou a formar mestres e doutores de todos os cantos do Brasil, irradiando seu prestígio. Internamente instituiu-se também uma competição no interior do corpo docente por títulos e prestígio acadêmico, derivado de publicações e participações em fóruns científicos nacionais e internacionais.

A pós-graduação é uma estrutura por si mesma dispendiosa, é raro que possa ser financeiramente superavitária. Mas o superávit que dela deriva é de outra ordem, é superávit simbólico.

A elite docente

No plano de atuação interno, estabeleceu-se na segunda fase uma espécie de divisão do trabalho no interior da elite do corpo docente, formando-se três grupos com certa independência. Suas relações podem ser conflituosas, mas, em contextos específicos, há vários tipos de articulação em torno de interesses comuns:

- a) os mais qualificados em ensino e pesquisa, que circulam com desenvoltura nas suas áreas de conhecimento fora da PUC-SP e são reconhecidos nas agências de fomento;
- b) os especialistas em funções acadêmico-administrativas, que ocupam com freqüência chefias, direções, assessorias, representações em conselhos;

- c) o grupo político e sindical, numericamente menor, mas altamente estratégico, que, além da docência, atua sobretudo nas Associações ou na vida política que é muito intensa na Universidade.

Esses grupos não são fechados, há trocas e migrações entre eles, sobretudo nas duas fronteiras que separam o primeiro do segundo e o segundo do terceiro. No início da década de 1980, o grupo político e sindical era mais numeroso, mas, progressivamente, transferiu quadros para os dois primeiros.

A relação do primeiro grupo com a estrutura da Universidade costuma ser marcada pela impaciência (excesso de reuniões, lentidão na tramitação de processos); normalmente afastam-se dos cargos acadêmico-administrativos, com exceção das coordenações de programas de pós-graduação, que são estratégicas para o relacionamento externo das áreas de saber. Por terem alcançado em prazo mais curto as posições superiores na carreira e o reconhecimento externo, vêm nos representantes do segundo grupo uma defasagem porque demoraram mais para obter títulos e estão mais voltados para dentro.

E o segundo grupo vê com reserva o primeiro por seu aparente individualismo e pouca dedicação à vida interna da instituição.

As contradições entre Reitoria e a elite do corpo docente são mais aparentes do que reais. Na prática, as reitorias nas últimas três décadas foram formadas por membros dos dois primeiros grupos e já tiveram em seus quadros professores egressos do grupo político e sindical.

Aspectos da atuação dos três grupos

Por meio de seu prestígio em agências de fomento e organismos estatais, o primeiro grupo tem reconhecida capacidade de captação de recursos por meio de projetos e convênios. Essas ações são positivas, pois mitigam os problemas derivados da falta de investimento, que foi crônica na história da PUC-SP.

A contrapartida da instituição aos benefícios prestados pelo primeiro grupo é dar a ele independência para atuar em várias frentes (outras instituições de ensino, administração pública, empresas). E é esse fundamento que justifica o acordo tácito que impede qualquer limitação aos professores de Tempo Integral de terem outros empregos.

Como o primeiro grupo é composto, sobretudo, por líderes, estes conseguem responder à multiplicidade de suas atividades por meio do trabalho em equipe (orientandos, jovens professores que ingressaram na PUC-SP ou em outras instituições por meio da rede de influências dos líderes).

Um aspecto que justifica o não impedimento de atuação em outras instituições deriva também da importância da Universidade como sujeito político. O primeiro e o segundo grupo da elite docente emprestam, com certa frequência, seus quadros para altos cargos da administração pública e da política. Esses quadros, em suas funções públicas, são um índice do prestígio da instituição e, com frequência, beneficiam a Universidade com convênios e parcerias geradores de recursos.

O grupo político e sindical tem como patrimônio dois grandes trunfos: a memória e a rede de relações externas no campo da política e dos movimentos sociais. A memória do papel que a PUC-SP teve no processo de redemocratização e da história construída coletivamente; a rede de relações permanentemente realimentada pelo recrutamento dentro da Universidade de quadros de partidos e agrupamentos políticos cujos programas ainda guardam semelhança com os de seus ancestrais das décadas de 1970 e 1980.

É essencial na atuação do grupo político e sindical a aliança com tendências do movimento estudantil, sobretudo aquelas que estão articuladas por laços de subordinação a partidos e organizações, cuja existência independe da universidade, mas tem nela um importante lugar de ressonância e reprodução. Essas tendências até hoje não abandonaram a palavra de ordem de estatização da PUC-SP. Da mesma forma que a PUC-SP foi um laboratório da redemocratização, buscam preservar a idéia de que a universidade pode ser também um laboratório do socialismo.

O grupo político e sindical está estabelecido predominantemente no âmbito das pequenas escolas, como um contrapeso na tradicional função de formação das elites sociais, que é típica da

universidade desde suas origens. Função exercida, sobretudo, pelas grandes escolas, de onde saem os quadros superiores da magistratura, da saúde, da administração pública e privada, dos negócios.

Mas isso não significa dizer que o grupo político e sindical represente as pequenas escolas, pois está voltado apenas secundariamente para a acumulação de autoridade acadêmica, derivada do estudo e da pesquisa científica.

Por uma característica que tem em comum com algumas poucas universidades comunitárias, a PUC-SP, apesar de ser custeada por mensalidades, tem uma significativa tradição de inclusão, baseada em política de bolsas que justificam seu caráter filantrópico. Apesar de universal, essa política produz efeitos mais significativos no âmbito dos cursos em que a concorrência para o ingresso é menos acentuada. Nesse sentido, são predominantemente as pequenas e médias escolas que garantem ao conjunto a diversidade sócio-econômica e de estilos de vida que caracteriza a PUC-SP. O resultado é que as divisões sociais e seus conflitos inerentes acabam inscritos na vida da universidade, o que é mais um índice de sua riqueza e de sua importância.

As universidades agregam grandes, médias e pequenas escolas. Tradicionalmente, a direção central é exercida ou diretamente por representantes das grandes escolas ou por seus aliados das escolas médias representantes das *ciências duras*. É raro que esteja nas mãos das pequenas e médias escolas representantes das humanidades. A PUC-SP nas últimas três décadas é exceção.

Parte da explicação para tal balanço de forças deriva do fato de que, excetuando a Faculdade de Direito, nossas grandes escolas ingressaram apenas parcialmente no modelo de universidade de pesquisa constituído na segunda fase. E são grandes e fortes, sobretudo, no âmbito do ensino de graduação e educação continuada.

A força de uma grande escola deriva do prestígio social da carreira, que se traduz no número de seus estudantes, e das posições que estes ocupam na sociedade depois de obterem os diplomas. Mas deriva também de sua posição na respectiva área de conhecimento no contexto das relações interuniversitárias. Depois do ingresso na PUC-SP na segunda fase, que teve início em 1969, esse último elemento ganhou maior relevo. Desde então, com exceção do Direito, as outras grandes escolas não souberam ou não quiseram traduzir o prestígio social de suas carreiras e o montante de seus estudantes em poder universitário. E não buscaram compensar suas dificuldades por meio de alianças com pequenas e médias escolas.

A Faculdade de Direito foi responsável pelas primeiras reitorias leigas da PUC-SP, dirigindo a Universidade entre 1965 e 1976, depois disso, até 2004, praticamente abdicou de representar política e imaginariamente a Universidade.

As pequenas e médias escolas, que detiveram a gestão superior da universidade nas últimas três décadas, souberam unir dois trunfos decisivos para legitimar sua supremacia. De um lado, conquistaram posições de destaque em pós-graduação e pesquisa, e irradiaram seu prestígio no ambiente interuniversitário. De outro lado, souberam lidar com desenvoltura no âmbito do poder simbólico, ao realizar a tarefa de fazer da imagem da Universidade um reflexo de seus ideários.

Nesse sentido, pode-se dizer que, nas pequenas e médias escolas, além dos conflitos de rotina e das diferenças de estilos de vida, há complementaridade dos três grupos da elite docente, de um lado, aqueles responsáveis pelo prestígio acadêmico no plano interuniversitário, de outro, a elite política e sindical com sua vocação para lidar no plano da universidade como sujeito político. Tudo mediado pelo grupo acadêmico-administrativo com sua habilidade de conduzir a vida interna da instituição.